

Descritivo Roteiro Ilha Fantástica

Excursão dia inteiro (9h às 16h) com almoço tradicional

Recomendações: Levar fato de banho, levantar garrafa de água na recepção do hotel, chapéu, protetor solar.

Roteiro:

Rabil, Oásis agrícolas de Santo Tirso e Fonte Vicente, Curral Velho, Ervatão, Cabeça de tarafes, Fundo das Figueiras (almoço) e João Galego.

Início da excursão às 9h com partida do hotel em direcção a **Rabil**: o nome de uma ave endémica- rabil ou fragata, hoje ameaçada de extinção. Rabil é a segunda localidade mais povoada da Boa Vista e a que dá o nome ao aeroporto internacional inaugurado em Outubro de 2007. Em Rabil o grupo faz uma paragem de 20m na Escola de Olaria sediada na localidade- centro de produção de artesanato local reaberto em 2007, onde é possível apreciar in loco o trabalho dos artesãos que se dedicam à feitura de peças decorativas com barro proveniente da zona do Barreiro, de que são exemplo jarros, copos, tigelas e alguidares. Depois da visita à Escola de Olaria o passeio continua atravessando o centro do povoado, sobranceiro à Ribeira do mesmo nome, onde foi implantada a igreja matriz de S. Roque, construída em 1806 e mais tarde proposta para Sé Catedral na fase mais florescente da ilha no século XIX.

A viagem de descoberta aos encantos da ilha tem agora como direcção a zona Sudeste, pela estrada que futuramente irá dar acesso ao segundo gigante hotel da cadeia espanhola Riu que está em construção e que abre portas a 28 de Abril de 2011. Este acesso está a ser alvo de intervenção e será a segunda via alcatroada da ilha da Boa Vista com cerca de 18 km de extensão.

A paisagem a caminho de Curral Velho é recheada de oásis agrícolas, onde o verde se funde com a aridez da montanha. Chegando à zona de Fonte Vicente o grupo faz mais uma paragem para observar as frondosas árvores de fruto que ali se concentram: uma figueira gigante, amendoeiras robustas, tambarinas além de um exótico baóbab, vulgarmente designado calabacera, uma árvore originária do Senegal e um dos poucos exemplares existentes na ilha.

O caminho segue até Curral Velho, um dos sítios mais abençoados pela mãe Natureza.

Mais vinte minutos de paragem para conhecer este antigo povoado, entretanto em ruínas, abandonado em resultado da emigração nos anos 60. Ali assiste-se hoje a uma tentativa de repovoamento pela iniciativa de um dos seus filhos emigrado e entretanto retornado, Abel Lima. Este cantor de mornas, ex-emigrante em França voltou à terra natal e muito tem lutado por concretizar o sonho de uma vida: tornar Curral Velho habitável. Para isso, todos os anos, por altura de Agosto promove ali um Festival de Mornas para angariar verbas. A sua obstinação levou-o já a recuperar a casa do pai: o “chateaux de món père”, o qual se mistura por entre o casario em ruínas.

Mas Curral Velho não se esgota no povoado. Neste antigo aglomerado populacional encontramos ainda uma salina de grande dimensão embelezada por extensas dunas douradas, coqueiros e tamareiras, além de uma praia selvagem com cerca de 5 km de extensão, de onde se avista um ilhéu- o Ilhéu de Curral Velho-habitat de centenas de aves rabos de junco e um dos sítios preferidos dos mergulhadores pela transparência das água e riqueza da vida marinha.

Seguindo caminho ao longo da costa encontramos as igualmente místicas praias de João Barrosa e Pamor até chegar a Ervatão, onde se efectua uma paragem de 50m com tempo suficiente para banhos.

Ervatão é mais um paraíso selvagem, o ponto mais importante de desova de tartarugas marinhas caretta-caretta , onde se regista 7500 desovas por temporada, num período compreendido entre Junho e Outubro. A delicadeza do ecossistema justifica por isso a instalação de um acampamento da Natura 2000, uma organização ambiental das Canárias que se dedica à preservação e investigação do fascinante mundo das tartarugas marinhas, levando a cabo todo um trabalho de contagem de ninhos, chipagem de tartarugas, análise das respectivas rotas migratórias. É em Ervatão também que foi já lançada a primeira pedra do futuro Centro de Investigação e Biodiversidade Marinha, projectado para possibilitar o intercambio de investigadores e estudiosos.

A excursão da ilha Fantástica prossegue em direcção às aldeias do nordeste, inteiramente dedicadas à agricultura e à pastorícia, onde se produz o afamado queijo de cabra da Boa Vista: um queijo único, muito apreciado também além fronteiras. Aqui cada família produz o seu queijo, porque não existe a tradição de produção em cooperativas.

Cabeça dos Tarafes é a primeira aldeia que atravessamos (sem paragem). É um povoado pitoresco, fresco, florido e muito asseado onde os escassos habitantes que ali vivem se esforçam por manter o “ar da sua graça” que caracteriza Cabeça dos Tarafes, onde é notório o êxodo rural e de onde saíram as primeiras mulheres emigrantes da Boa Vista, rumo a Itália e Holanda sobretudo nos anos 70.

13h15m é a hora prevista de chegada ao restaurante Nha Terra em Fundo das Figueiras, um espaço simples mas de grande qualidade, engrandecido pela simpatia e hospitalidade da sua anfitriã- a D. Bia, uma ex-emigrante na Holanda que voltou ao berço para fazer o que mais gosta: receber os visitantes com *morabeza* e confeccionar pratos tradicionais de se tirar o

chapéu. A entrada é composta por azeitonas e queijo de cabra da Boa Vista. Em seguida vem um ex-libris gastronómico- a Cachupa rica, o prato mais emblemático da gastronomia cabo verdiana, confeccionado de forma apurada e composto de várias carnes, milho, feijão, mandioca, cenoura e outros legumes- um verdadeiro manjar dos deuses! Depois da sobremesa que engloba doce de abóbora com queijo de cabra e café, chega a hora de um passeio a pé pelos meandros de Fundo das Figueiras. Aqui o contacto é directo com a população, sem qualquer artifício, sendo possível sentir o modo de vida pacato e convivial das gentes que se sentam à porta de casa para jogar o tradicional jogo do urilo e darem um dedo de conversa com os forasteiros. Nesta que é a terra do primeiro Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, ainda é possível visitar a igreja e apreciar a calçada de pedra portuguesa, o colorido das casas coloniais, as engenhocas agrícolas utilizadas para enganar a dureza da seca que atinge o nordeste, a zona com mais potencial agrícola de toda Boa Vista e para onde o Ministro do Ambiente de Cabo Verde, José Veiga anunciou recentemente a construção de diques e barragens.

João Galego é a última das aldeias do nordeste (para quem vem do Sul) e o último ponto de conhecimento e descoberta da nossa excursão. A paragem (25m) acontece por hábito em frente ao Centro Cultural Amílcar Cabral, na avenida que atravessa a localidade. Em João Galego é possível mais uma vez sentir a entrega e a pureza das gentes e com sorte ouvir as doces sonoridades de um violão a acompanhar uma morna, nesta que é uma das terras incubadora de talentos da ilha. Destaque para o músico Pedro Magála, de 85 anos de idade, que acaba de lançar o seu primeiro CD- Bordão de Nha Violão, inúmeras vezes convidado para acompanhar sumidades como Cesária Évora, Bau ou Ildo Lobo.

O caminho de regresso faz-se paralelo à maior bacia hidrográfica do país, no vale do nordeste, por detrás da cordilheira que se estende do Monte Calhau, a NE, até ao Monte Estância.

Chegada prevista ao hotel às 16h.